

VOZES EM PORTUGUÊS

Ana Paula Tavares

Os cokwe sabem da arca e dos animais, da caça e das viagens, da loucura e do vinho e de como é deserta e plana a chana.

Os cokwe continuam a esculpir rostos muito belos, plantados de escarificações onde fixam o tempo para ser eterno, andam mal tratados na terra que conquistam com arcos retesados e conversas afiadas.

MARIE-LOUISE BASTIN (com um sincero pedido de perdão)

Tenho um amigo à sombra do qual gosto de me deitar (é assim que os cokwe¹ consideram os amigos-árvores à sombra das quais nos podemos deitar), que divide o mundo em pessoas e seres : as pessoas vivem, os seres são. Marie-Louise era um ser particular alguém para quem o gesto se eternizava numa taça de vinho, erguida ao sol, enquanto com a outra mão escrevia mais uma linha da longa carta de amor, que demorou uma vida inteira a compor, alternando o kissanje e o piano, para o povo cokwe.

Começou por arranjar um núcleo pequeno – leves traços no chão seguindo a pista do antílope – e a seguir iluminou, com o próprio coração aceso a óleo de palma, a ligação em ponte com um mundo da chana amarelo e povoado de sinais. Depois sentou-se a trabalhar, submetendo, ao cristal do seu olhar azul treinado para as zonas de luz e de sombra da arquitectura gótica, as pequenas coisas de que se organiza o mundo a leste.

Aprendeu a governar o corpo e o discurso traçando no ar as diferentes etapas de organização do pensamento em voo. Descobriu que

1 Nova grafia para quiocos.

os cokwe transformam o gesto em pensamento e o pensamento numa infinidade de gestos que depois guardam esculpindo na madeira cada momento e o seu avesso. Para não esquecer. No seu aprendizado lento, foi inventariando cada movimento e a cor de cada sombra, traçando a trajetória de A a Z de uma teoria estética aprendida na chana, submetida às asperezas das areias redistribuídas do deserto.

Aprendeu a fala mansa das histórias que colecionou em fichas de trazer no bolso para uso diário. Cedo chegou a uma teoria da diferença, colocando a voz ao serviço das máscaras, orando por Cibinda. Entre o Dundo e Bruxelas, foi-se dividindo (usando em ocasiões especiais o dom da ubiquidade que, como ser, detinha, e ficando em todo o sítio ao mesmo tempo), para dar notícia das escolas e dos segredos escondidos em cada veio da madeira preciosa, da pele esticada do tambor, do ronco do hipópotamo.

Tinha um nome belga e um português, mas seu nome secreto, o que se achava inscrito nas mãos de mármore, aquele que agora pode ser dito pelos caçadores de Kalunga era cokwe, com certeza.

Nunca virou a cabeça. Disso se encarregaram os cokwe seus amigos enquanto ela olhava de frente, multiplicando o seu olhar azul em homenagem a todos os filhos da memória e da tradição que escreviam na areia os gestos de outros mundos. Dizem que Kalunga gostava de a escutar e aprender com ela os segredos do cinzel, as voltas do barro, os sinais perdidos nas máscaras de iniciação.

A Diamang, em acto de contrição, editou-lhe, há muitos anos, o livro das horas, que é, como quem diz a reconstituição dos passos perdidos da diáspora cokwe. Chama-se « L'Art Décoratif Tshokwe » (em dois volumes) e está esgotado. Os cokwe talvez não saibam que a história da sua arte existe, escrita por mãos delicadas e que a memória nas suas torrentes vai sobreviver para lá do sítio onde o céu treme, as montanhas se deslocam, enquanto homens como formigas procuram pedras no útero da terra.

Os cokwe sabem da arca e dos animais, da caça e das viagens, da loucura e do vinho e de como é deserta e plana a chana.

Os cokwe continuam a esculpir rostos muito belos, plantados de escarificações onde fixam o tempo para ser eterno, andam mal tratados na terra que conquistam com arcos retesados e conversas afiadas.

Quanto a mim e depois da água sagrada, preparei os panos da linhagem, fiquei atenta às peles e notei que o sangue do sacrifício estava ainda quente na taça do sol. Cheguei tarde.